revista Estação Literária
Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

O ESPAÇO, O TEMPO E O SER: UMA ANÁLISE CRONOTÓPICA DO ROMANCE *GALILEIA*

Adalberto Bastos Neto (UPM)[1]

***Resumo**: Nosso trabalho tem por objetivo examinar na obra* Galileia *a complexa relação que existe entre o espaço e o tempo e, assim, mostrar como esses dois elementos são fundamentais na construção da identidade do protagonista Adonias. Para fins analíticos, embasamo-nos nos estudos do cronotopo realizados por Mikhail Bakhtin. Em cada espaço onde Adonias passa, inicia-se uma nova percepção do tempo. O tempo e o espaço da obra* Galileia *estão diretamente ligados com a essência humana do protagonista e não podem ser vistos apenas como pano de fundo para a trama, mas sim, como elementos relevantes que impulsionam a narrativa.*
Palavras-chave: Galileia*; cronotopo; identidade.*

Onde se esconderam as pessoas da Galileia?
Protegem-se do calor ou não querem ser vistas?
Galileia, p. 160.

Introdução

O romance *Galileia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito, narra a história de três primos, Adonias, Ismael e Davi, que atravessam o sertão cearense para visitar o avô Raimundo Caetano, que está em seu leito de morte. Os primos passaram a infância lá, na fazenda Galileia, mas fizeram o possível para cortar os laços com a terra de origem. "Fugiram" do sertão procurando se estabelecer em outro lugar, como no Recife, em São Paulo e até mesmo na Noruega. No decorrer da narrativa, a travessia do Sertão e o reencontro com a Fazenda Galileia colocam o protagonista, Adonias, no início de uma peregrinação em busca de sua própria identidade, de sua autoconsciência. Durante essa sua busca ontológica, Adonias irá passar por uma série

[1] Estudante de pós-graduação, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. Mestrando. E-mail: adalbastos@hotmail.com.

de transformações, e essas transformações ocorrerão na medida em que ele se relacionar com as pessoas ao seu redor. Nesse sentido, o protagonista estará mais próximo de sua verdadeira essência, do seu verdadeiro "ser", através de relações dialógicas, através dos inúmeros confrontos entre as verdades do *eu* com as verdades do *outro.*

Essa relação do *eu* com o *outro* presente na obra está intrinsecamente ligada às variações de espaço onde se desenvolve a narrativa. Cada um dos espaços por onde Adonias passa impõe certas coerções aos seus relacionamentos com o outro e consigo mesmo, conduzindo o protagonista a praticar determinado tipo de ação. Em cada espaço, inicia-se também uma nova percepção do tempo, pois tempo e espaço são elementos indissociáveis, afinal, o tempo só transcorre em determinado espaço. Dessa forma, o tempo na obra *Galileia* não pode ser entendido apenas com base num sistema de oposição binária, como aquele proposto pelos formalistas (tempo na narrativa *versus* tempo da experiência; tempo da escritura *versus* tempo da diegese; tempo cronológico *versus* tempo psicológico), tampouco pode ser entendido como tempo absoluto. O tempo na narrativa de *Galileia* é, na verdade, relativo e dialógico, pois apresenta, num determinado espaço, a simultaneidade de experiências distintas que emergem em ações, traformações e permanência. O tempo e o espaço da obra *Galileia* não são, pois, de forma alguma, apenas pano de fundo para a trama, mas são, sim, elementos relevantes que impulsionam a narrativa.

A partir dessas considerações, pretendemos, neste trabalho, examinar na obra *Galileia* a complexa relação que existe entre o espaço e o tempo e, assim, mostrar como esses dois elementos são fundamentais na construção da identidade da personagem Adonias. Em outras palavras, pretendemos como objetivo deste trabalho analisar a maneira pela qual o protagonista Adonias, no decorrer de sua viagem, enxergará a si mesmo no complexo de tempos e espaços experimentados por ele na narrativa.

Para que possamos alcançar nosso objetivo, embasamo-nos nos estudos do *cronotopo* realizados por Mikhail Bakhtin. O termo *cronotopo* refere-se à "interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura" (Bakhtin 2002: 211). Através da análise cronotópica de *Galileia*, seremos capazes de traçar a identidade da personagem, descobrindo seu âmbito de visão sobre si mesma, sobre os outros e sobre o espaço-tempo em que se insere.

Partimos do pressuposto de que a vida humana se desenrola dentro de um quadro de coordenadas espaço-temporais. De que não há espaço sem marcas do tempo, pois o tempo histórico ganha visibilidade e sentido no contexto humano, ao deixar o espaço, palco das ações humanas, impregnado de temporalidade. A análise cronotópica do romance *Galileia* nos abrirá espaço para a reflexão sobre o processo de formação do Homem, que, inserido em um determinado espaço e tempo, é um sujeito inacabado e em contínua formação.

Cronotopo

O pensador Mikhail Bakhtin discute, em parte da sua obra, a natureza do romance e estuda sua evolução a partir de duas perspectivas principais: a expressão da linguagem, caracterizada por uma concepção dialógica e pragmática; e a representação do espaço e do tempo, caracterizada pela intersecção entre um e outro. Como nosso trabalho tem por objetivo investigar as relações de espaço e tempo na obra *Galileia*, terão importância teórica especial os estudos de Bakhtin sobre as relações espaço-temporais.

O homem organiza o universo de suas experiências através de representações do mundo criadas a partir de categorias de tempo e espaço, que são inseparáveis. Essas categorias têm natureza histórica, pois diferentes povos têm formas distintas de conceber o tempo e o espaço. Para uns, por exemplo, o tempo é cíclico; para outros, o tempo é linear e irreversível (Fiorin 2006: 134). Para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos, Bakhtin apresenta o conceito de *cronotopo.* Formado a partir das palavras gregas *crónos* (tempo) e *topos* (espaço), o *cronotopo* é uma categoria conteudístico-formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários (Bakhtin 2002: 211).

Em "Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaios de poética histórica)", capítulo da obra *Questões de literatura e de estética.* A teoria do romance, Bakhtin, em duas notas de rodapé, indica seu embasamento teórico para estabelecer o conceito de *cronotopo*: Kant e Ukhtomski. De Kant, Bakhtin baseia-se na ideia da importância do espaço e do tempo como categorias primárias da percepção. Entretanto, ao contrário do pensador prussiano, Bakhtin considera essas categorias não como transcendentais, mas sim, como formas da realidade imediata. Do biólogo Ukhtomski, Bakhtin recupera a concepção do caráter imediato do espaço e do tempo na experiência humana.

Também concebido em analogia com os estudos de Física realizados por Albert Einstein, o *cronotopo* funciona como uma ferramenta capaz de avaliar como, em uma determinada época, gênero, texto etc., o tempo e o espaço são articulados em correlação. A noção de *cronotopo* expressa o caráter correlacional e indissolúvel entre tempo e espaço, pois o espaço pode ser fixo, mas é dentro dele que o tempo transcorre, movimenta-se e é percebido. Nesse sentido, o tempo pode ser entendido como uma coordenada espacial: a quarta dimensão do espaço. Nessa perspectiva, Machado explica que:

> O cronotopo foi concebido como uma forma arquitetônica da narrativa que configura modos de vida em contextos particulares de temporalidades. O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala

> Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e civilizações, quer dizer, no espaço (Machado 2010: 215).

No *cronotopo* artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais que, então, emergem no enunciado. Dessa forma, o tempo condensa-se e torna-se artisticamente visível, enquanto que o espaço se intensifica e penetra no movimento do tempo, no movimento da narrativa. Nas palavras de Bakhtin:

> A representação do tempo une-se à do espaço como uma metáfora que se faz real: o tempo se faz visível e o espaço responde a esta visibilidade dos movimentos do tempo e do enredo. Os significados tomam a forma de um signo audível e visível (Bakhtin 2002: 258).

Para melhor explicar essa intersecção entre o tempo e o espaço, Bakhtin utiliza um exemplo do discurso de Goethe, quando este, durante uma viagem pela Itália, chama a atenção para o espaço geográfico "Roma" e para o conteúdo histórico/temporal que revestia aquele espaço:

> É precisamente em Roma que Goethe percebe com especial acuidade essa essencialidade surpreendente do tempo histórico, a sua fusão com o espaço terrestre:
> "Sobretudo a história deixa-se ler aqui de modo assaz diverso do que em qualquer parte do mundo. Noutras partes, ela é lida de fora para dentro; aqui crê-se estar lendo-a de dentro para fora, tudo se acumula à nossa volta e, de novo, sai de dentro de nós. E isso se aplica não somente à história de Roma, mas a toda história do mundo. Daqui, afinal, posso acompanhar os conquistadores até o Weser e o Eufrates..." (Goethe, J. W. Op., p. 176). [...]
> A essência do tempo histórico em um pequeno trecho da terra em Roma, a coexistência *visível* de diferentes épocas nesse espaço tornam o contemplador uma espécie de participante do grande conselho dos destinos universais. Roma é o grande cronótopo da história humana (Bakhtin 2010: 242).

Os elementos de tempo se revelam no espaço, e o espaço é, então, entendido e medido por meio do tempo. É o *cronotopo*, essa fusão espaço-temporal, que faz com que o tempo se torne artisticamente visível e que o espaço responda pelos movimentos do tempo e da narrativa. O *cronotopo* torna-se uma forma de expressão das representações sociais que sustentam as ações e que revelam conceitos morais, sociais, psicológicos e ontológicos num determinado contexto. O tempo e o espaço variam em significação, já que atividades sociais diferentes e as representações dessas atividades presumem diferentes tipos de tempo e espaço. Dito de outra forma, os *cronotopos* acompanham as trajetórias conceituais que fazem parte da constante transformação do sujeito e dos movimentos sociais. Nesse sentido, o indivíduo se

transforma constantemente nos entrecruzamentos cronotópicos. Sua subjetividade é um contínuo, sempre em desenvolvimento e sua autoconsciência está intimamente relacionada com categorias cronotópicas, pois "sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata. Consequentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos" (Bakhtin 2002: 362).

Para melhor compreendermos o sentido no romance, é necessário recorrer aos *cronotopos*, que se cruzam e se confrontam, determinando a imagem de mundo que o sujeito representa de acordo com o tempo no qual se encontra. Ao explicar as relações espaço-temporais no romance, sob o conceito de *cronotopo*, Bakhtin demonstra que essas relações determinam a percepção que o homem tem do mundo, forjando um modelo semiótico além do mundo da narrativa.

Análise

A viagem que os três primos fazem de volta à Galileia, lugar onde viveram a infância, torna-se mais do que um deslocamento geográfico, torna-se um delocamento no tempo. Por mais que os primos tenham se distanciado de toda a intriga e violência que envolve a família, eles voltam a viver aquele tempo passado, a viver todas as tragédias da família. É nessa viagem de volta ao tempo que o protagonista Adonias, narrador da história e o fio condutor da nossa análise, irá ao fundo de sua própria essência humana.

Com a viagem, inicia-se um tempo de transformação. Inicia-se um tempo peculiar, diferente do cronológico, pois a percepção do tempo para Adonias será vivida de maneira diferente em cada espaço. O primeiro espaço pelo qual Adonias passa é a estrada. Para Bakhtin, a estrada é

> o ponto de enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: "o caminho da vida", "ingressar numa nova estrada", "o caminho histórico", etc; a metaforização do caminho é variada e muito planejada, mas o sutentáculo principal é o transcurso do tempo (Bakhtin 2002: 350).

O *cronotopo* da estrada é, para Adonias, metaforizado, é o "caminho para uma nova vida", a passagem do que "eu sou" para o que "eu serei". Na estrada inicia-se um tempo de crise biográfica, caracterizado por uma série de mudanças que guiarão a personagem para a autoconsciência. É na estrada que Adonias começa a demonstrar inquietude de sentimentos em relação ao sertão, pois começa a perceber no mesmo espaço o tempo de um sertão primitivo, de um sertão da sua infância:

> O caminho se estreita entre árvores de porte, talvez ipês, oiticicas, jatobás, ingazeiros, baraúnas. Sombras escuras no caminho por onde Ismael nos conduz. Avistamos um açude a nossa frente. O fim de toda caminhada pelo deserto é a água. Uma barragem no meio da travessia, com suas águas represadas. Contemplamos o milagre, deixamos que o tempo escorra quanto quiser. Problema do tempo, passe a vontade, não temos nada com isso, tudo flui desde sempre (Brito 2008: 42).

E o tempo de um sertão globalizado, com celular, internet e piercings: "usa três argolas na orelha esquerda, um piercing no nariz e roupa preta brilhosa" (Brito 2008: 34).

Essa convivência de diversos tempos em um único espaço faz com que Adonias se sinta perdido, deslocado, se perguntando a todo o momento "Por que vim?" (Brito 2008: 11) e desejando manter-se fora do mundo sertanejo, seja ao ligar constantemente para casa ou ao desejar que a esposa estivesse com ele: "Se Joana estivesse comigo, seria mais fácil controlar a angústia. Eu falaria dos meus receios, ou de coisas aparentemente sem significado, para refazer os laços com o mundo" (Brito 2008: 11).

Ainda na estrada, Adonias começa a perceber a volatilidade do tempo em relação ao espaço.

> [...] não chamo esse mundo de bárbaro. Imagine se tio Salomão me escuta. Mudo de impressão sobre ele a cada quilômetro. Meia hora atrás, quando tomamos banho no açude, achei que não existia lugar melhor. Agora, já não acho. Ficamos presos na nossa infância. Você já leu alguma coisa de Freud? Deixa pra lá! Tudo acontece nos cinco primeiros anos. No restante da vida, não fazemos mais nada do que remoer esse tempo [...] (Brito 2008: 72).

Nessa passagem, é possível notar que Adonias dá início a uma tomada de consciência sobre sua natureza, pois começa a compreender que o espaço é percebido e entendido de acordo com o tempo nele inscrito. E a percepão do tempo é, por sua vez, mediada pelo corpo do sujeito. Dessa forma, o espaço e o tempo tornam-se reflexos do sujeito, que semiotiza a realidade física.

Já na fazenda Galileia, conversando com Ismael, Adonias, ao perguntar sobre a Noruega, recebe a seguinte resposta:

> A Noruega é um sertão a menos trinta graus. As pessoas de lá também são silenciosas, hospitaleiras e falam manso. Habituaram-se aos desertos de gelo, como nós à caatinga. A comparação parece sem sentido, mas eles também olham as extensões geladas, como olhamos as pedras. A nossa pele é marcada pelo sol extremo, a deles pelo frio. Acho que as pessoas são as mesmas em qualquer latitude (Brito 2008: 72).

Percebemos, nessa resposta, que para Ismael o tempo vivido na Noruega era o mesmo tempo do sertão. Mesmo estando em outro espaço, ele percebia a Noruega como o sertão. Nessa passagem, cabe notar também que o diálogo assume caráter essencial na consciência ontológica de Adonias, pois abre espaço para a perspectiva do outro, permitindo, assim, que se aumente o alcance do acabemento dado pelo sujeito a si mesmo. Ao ouvir a resposta de Ismael, Adonias vai intuindo que a relação do homem com o espaço é uma relação de força dupla, pois ao mesmo tempo em que o espaço impõe coerções para sua percepção, o estado de espírito do homem também implica em coerções na percepção do espaço.

Nesse sentido, em outra passagem, Davi explica para Adonias sobre suas viagens internacionais:

> Se você me perguntar o que me atrai nesses lugares, eu responderei sempre de maneira diversa. [...] Meu cotidiano nesses lugares não diferiu de cada segundo que vivi no Brasil. [...] Contemplo um território desconhecido, mas meu corpo é o mesmo, e ele mantém a referência de uma paisagem interna, que prevalece; é tão absoluta que não posso olhar nada sem comparar com essa memória residual (Brito 2008: 192).

Nesse trecho, Davi mostra que seu estado de espírito sempre o guiava e que não importa o lugar que se vá, viajar é "ir de encontro à solidão", pois o sujeito será sempre o mesmo, será sempre o corpo que mediará o contato do *ser* com o *espaço/tempo*.

Essa correlação entre o sujeito com o *cronotopo* fica clara nas vezes em que Adonias, mesmo com todos os traumas da sua infância, lembra do sertão como um lugar agradável:

> Nas férias, eu ganhava dinheiro apanhando algodão. Atirava os capuchos num saco preso em um dos lados do corpo, e quando não podia mais com o fardo, pesava ele numa balança e voltava à apanha. Nunca soube o que achava mais bonito, se as extensas plantações floridas de amarelo ou os campos cobertos de plumagem branca. A floração era uma tarde ensolarada e a colheita um crepúsculo nevado (Brito 2008: 112, 113).

Notamos que mesmo trabalhando duro, Adonias vivia um tempo de beleza, quando o sertão chegava a ser comparável a um "crepúsculo nevado".

Em outra passagem, Adonias compara a doença do avô à decadência da fazenda: "a Galileia reflete a doença do avô. A mesma infecção que destrói sua carne parece arruinar a terra. O mato invade as plantações, as cercas e os currais também" (Brito 2008: 110).

Adonias, ao enxergar a Galileia da mesma forma como enxerga o avô, intuitivamente começa a perceber que o tempo e o espaço são feitos e percebidos pelo Homem, que o *cronotopo* está sempre em analogia com a maneira como a alma

humana o percebe. Nessa linha de raciocínio, podemos inferir que, na obra *Galileia*, o *cronotopo* assume a função de elo de ligação entre o mundo físico representado e o mundo da semiose representante. O sujeito, por sua vez, no seu trabalho constante de representar o mundo, molda os estímulos que recebe do mundo físico de acordo com sua percepção particular.

Em outra parte da narrativa, Adonias mostra claramente que não importa o lugar, ele se sente sempre estrangeiro, mostrando, portanto, que sua alma faz dele um sujeito deslocado onde quer que esteja:

> Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Possuo referências do sertão, mas não seobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem os sotaques urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro (Brito 2008: 160).

Outro trecho em que podemos perceber a relação entre o sujeito e o *cronotopo* é quando Adonias sai pelo campo com Ismael:

> Depois do primeiro dia na Galileia, o pânico cedeu. Sinto gosto em comer, em respirar, em dormir. Foi sempre assim em todas as férias. O desejo quase erótico de retornar ao lugar onde nasci se misturava com um medo inexplicável de morte (Brito 2008: 130).

Aqui, percebemos que Adonias se sente no limite entre um lugar "erótico" e um lugar "de morte". Logo em seguida, após discutir com seu primo, esse limite é transpassado: naquele espaço passa a ser vivido um tempo apenas de morte:

> Os temores que afastei a duras penas retornaram de vez. No inverno, quando o riacho bota água, o lugar onde sentamos vira um remanso. A folhagem das plantas cresce e se forma um esconderijo. Olhando de fora, ninguém vê nada. A pobre Donana tomava banho, pensando nos umbus que gostava de chupar. Domísio matou-a pelas costas, com uma faca (Brito 2008: 138).

No campo, Adonias passa a reviver o assassinato de Donana, para, então, cometer o assassinato do primo. Com a mudança do seu estado de espírito, do seu *ser*, aquele espaço torna-se imediatamente diferente. Consequentemente, inicia-se outro tempo para Adonias: uma intersecção entre aquele tempo do assassinato de Donana e o tempo presente, do assassinato de seu primo Ismael:

> Corri entre os ladejos fumegantes, refazia um trajeto criminoso de mais de duzentos anos. Igual a Domísio, eu buscava quem me escondesse. [...] Por que retornei à Galileia? Repito a pergunta a cada passo. Por que retornei à Galileia? Por que retornamos aos lugares que nos expulsam

> como aborto indesejado? [...] para onde corre meu primo vitimado? Para onde eu corro assassino? (Brito 2008: 141).

Essa passagem nos mostra como aquele espaço do campo estava impregnado com tempo do passado, do assassinato de Donana. Contudo, essa impregnação do tempo no espaço não existiria se o sujeito não fosse capaz de percebê-la. Assim, é por intermedio da percepção de Adonias que aquele tempo vem à tona.

Após o assassinato do primo, Adonias busca um escape, culpando o seu retorno à Galileia pelo assassinato, culpando a influência do lugar. Entretanto, Adonias não percebe que, ao assassinar o primo, ele está reafirmando e refazendo o significado daquele espaço. Percebemos também que, agora, Adonias precisa de outro lugar para ir, para "correr", precisa de um lugar onde viva outro tempo que não seja aquele do assassinato.

Adonias, descontrolado, chega à casa do tio Salomão:

> Olhei a porta que ainda guardava a tinta original, um ocre que se tornara preto pelo acúmulo de mofo e poeira. Hesitei em abrí-la. Em todos os filmes, o carcereiro saca um molho de chaves, introduz uma delas na fechadura, abre a porta da cela e empurra o prisioneiro para dentro de sua prisão (Brito 2008: 149).

Temos aqui, o que Bakhtin convencionou chamar de "*cronotopo* da soleira". Esse *cronotopo* é carregado de valor emocional e "pode se associar com o tema do encontro, porém é substancialmente mais completo: é o cronotopo da crise e da mudança de vida" (Bakhtin 2002: 354). É realmente esse tempo de crise e mudança que notamos ser vivido por Adonias, pois ele hesita em ultrapassar o limiar da porta, mas sabe que uma mudança de estado se faz necessária naquele momento de angústia.

Adonias adentra a casa e a primeira coisa que faz é tentar se lavar de todo o sangue e sujeira, mas não consegue. Adonias começa a se dar conta de que sua limpeza efetiva, sua "purificação", só acontecerá após uma provação: entrar no quarto escuro e falar com Domísio. Inicia-se, aqui, o tempo, digamos assim, do inferno, a *catábase* de Adonias: "[...] a minha viagem as profundezas do inferno" (Brito 2008: 155).

No quarto escuro, conversando com Domísio, Adonias começa a tomar consciência de que o ser humano está sempre preso aos acontecimentos do passado, pois não só Domísio está preso para sempre naquele quarto escuro, mas também Adonias está preso às histórias que compõem seu passado:

> – Hoje à tarde, você atraiu Ismael para o mesmo lugar em que eu matei Donana. Você já cansou de ouvir essa história. Tanto que já nem sabe se ela é minha ou sua. Além de repetir o meu crime, como se não bastasse a semelhança, correu para a mesma casa, e procurou se ocultar no quarto em que me escondo (Brito 2008: 151).

Nessa mesma passagem, percebemos também que a semelhança entre os dois crimes é muito grande, principalmente no que diz respeito à coincidência dos locais do assassinato e do esconderijo. Essa semelhança entre os crimes vai guiando Adonias para a sua *anagnórisis*: perceber que o espaço se apresenta sempre de acordo com a percepção do sujeito, como o quarto escuro, por exemplo, que só se constitui como inferno, pois é percebido como tal, e que Adonias, na realidade, mais do que entrar no inferno, entrou em si mesmo, em sua própria essência, em seu próprio ser.

Com sua descida ao inferno, Adonias passa a ter uma percepção mais exata de si mesmo. Essa percepção fica mais clara quando ele se dá conta de que toda a história do assassinato cometido por seu tio Domísio só existe enquanto houver pessoas que a reconheça nos diversos cronotopos:

> [...] Você não ficou sempre aqui, um dia foi embora, e nunca mais se ouviram notícias suas. Uns acham que seus cunhados vingaram a irmã, outros acreditam que você conseguiu esconder-se longe, e morreu de velhice.
> Domísio sorriu e largou-me.
> – São invenções. Sempre estive aqui para os que me procuram. Como você, Adonias. [...] é bom descobrir pessoas que não se livraram dos elos com a minha história (Brito 2008: 152).

Por fim, a *anagnórisis* de Adonias se completa no momento em que ele reconhece ter mergulhado em si mesmo, que todo aquele espaço-tempo infernal estava, na verdade, em seu próprio ser: "Se você afirma isso, é porque está morto. Portanto você não está aqui. Esse com quem eu falo sou eu mesmo" (Brito 2008: 152). Após sua *catábase*, então, Adonias não é mais o mesmo, pois conhece melhor a si. Adonias, agora, tem consciência de que o passado se faz e refaz a todo o momento e suas incontáveis dimensões existem simultaneamente. Pelo fato da simultaneidade da existência temporal projetar-se no espaço, é que decorrem a dor e a dificuldade de revisitar a fazenda, aquele *cronotopo* que agrega diferentes tempos, que se modificam de acordo com o espírito do sujeito.

Por fim, no seu retorno da Galileia, embriagado e atrasado para o voô de volta, Adonias tem sua grande e final epifania:

> A embriaguez cessa de repente. Sem chance de partir, tudo parece sombrio e feio; o coração se tranca, a boca amarga. Os dançarinos passam cantando e arrancam o santo dos meus braços. Tento alcançá-los, mas eles desaparecem. Sinto-me sozinho. Procuro alcançar o outro lado da praça e encontro a mesma paliçada de mortos. Recuo porque não consigo transpô-la. Já não sei que direção tomar. Até bem pouco tempo, o mundo em volta de mim era compreensível e amável. Agora, seu significado me foge por completo (Brito 2008: 236).

Adonias finalmente percebe a dificuldade que é significar o mundo, pois tempo e espaço se imbricam num emaranhado complexo. Aquele lugar de sua infância, não é mais o mesmo durante sua fase adulta. Adonias percebe que ao mudar o sujeito, muda-se o tempo e, consequentemente, muda-se o espaço. O grande *cronotopo* que se instaura na fazenda Galileia reflete a própria identidade de Adonias.

Considerações finais

A análise cronotópica do romance *Galileia* à luz da teoria bakhtiniana revela que, a correlação entre tempo e espaço está ligada aos modos de sua percepção, aos acabamentos conferidos pelo sujeito. Observando a trajetória de Adonias, notamos que o próprio espaço físico é também uma construção das percepções humanas, do imaginário individual e coletivo. Pode-se afirmar que a relação do sujeito com o espaço é mediatizada por representações, criando um jogo de forças em que o sujeito "constrói" o espaço de acordo com uma representação, e o espaço impõe ao sujeito representações construídas ao longo do tempo e que permanecem "impressas" no espaço.

De acordo com Bakhtin, existe uma analogia entre a alma do herói e sua percepção de mundo:

> Em arte, o mundo dos objetos em que vive e se movimenta a alma da personagem é esteticamente significativo como ambiente dessa alma. O mundo da arte não é o *horizonte* do espírito ascendente mas o *ambiente* da alma que se afastou ou está se afastando. A relação do mundo com a alma (relação esteticamente significativa e combinação do mundo com a alma) é análoga à relação da sua imagem visual com o corpo, ele não se contrapõe a ela, mas a envolve e abarca, combinando-se com as fronteiras dela; o dado do mundo se combina com o dado da alma (Bakhtin 2010: 121).

Nesse sentido, podemos dizer que quando Adonias decide voltar para Galileia ele incia uma viagem de volta ao passado, revivendo o espaço-tempo de sua infância ao mesmo tempo em que vive o espaço-tempo do presente. Ao viver os *cronotopos* da Galileia, Adonias inicia, então, um mergulho na sua própria alma, na sua essência. À medida que a narrativa prossegue, Adonias vai se conhecendo frente às situações que o cercam, para, finalmente, entender sua essência humana: aprender que o mundo, que é sempre inacabado, não é passível de ser entendido completamente, e que, na realidade, deve-se buscar entender a si mesmo para entender o espaço e o tempo que o cerca.

SPACE, TIME AND BEING: A CHRONOTOPICAL ANALYSIS OF THE NOVEL *GALILEIA*

Abstract: Our work aims at investigating how in the novel *Galileia* the complex relationship between space and time works and thus show how these two elements are crucial to build the identity of the protagonist Adonias. In order to build the analysis, we were based on the study of the chronotope developed by Mikhail Bakhtin. In each space where Adonias passes, a new perception of time starts. The time and space of the novel *Galileia* are strictly linked with the human essence of the protagonist and can not be seen merely as a backdrop to the plot, but as important elements that drive the narrative.
Keywords: *Galileia*; chronotope; identity.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance.* Tradução: A. F. Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 211-362.

_____. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. *Estética da criação verbal.* Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 225-258.

_____. O todo temporal da personagem (A questão do homem interior – da alma). *Estética da criação verbal.* Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 91-126.

BRITO, Ronaldo C. *Galileia*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

FIORIN, José Luis. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LOPONDO, L.; IGNATTI, A. S. Tempo, espaço e reconhecimento em Ensaio sobre a cegueira. In: *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 58-63, 2010. Disponível em: < http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/view/2793/2792>. Acesso em: 10 jul 2012.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). *O círculo de Bakhtin*: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das letras, 2010, v.1, p. 203-234.

ARTIGO RECEBIDO EM 13/07/2012 E APROVADO EM 08/10/2012.